

IMPRENSA

TANCREDO NEVES
O inacreditável
relatório Pinotti

O professor doutor Henrique Walter Pinotti não está realmente com muita sorte em relação ao seu doente Tancredo Neves. Considerado em São Paulo um grande cirurgião e um homem de personalidade forte...

Veja Tancredo: gordinho, sorridente, animado.

Boletim diz que Tancredo está bem

Tancredo toma posse 6^a feira

Lágrimas e agonia: é 'extremamente grave'

Só o coração funciona

Tancredo melhora, País aliviado

Pinotti recua e dá poucas horas de vida a Tancredo

Não há mais esperança Tancredo está morrendo

“A fé consiste em não crer no que está acontecendo”, diz o ditado espanhol. O povo acompanha com emoção a luta do Presidente. E reage às notícias que lhe diminuem as esperanças.

NESTES 35 dias em que a luta do Presidente Tancredo Neves contra a doença se trava em meio a notícias que partiram do mais contagiante otimismo (“Ele poderá tomar posse em poucos dias”, afirmou um dos médicos logo após a segunda cirurgia) à mais sombria constatação (“Tancredo está morrendo”, disse o JORNAL DO BRASIL em manchete de primeira página), em nenhum momento a imprensa esteve tão na berlinda como ontem. Que papel, afinal, tem ela representado ao longo deste dramático episódio?

A julgar pela maioria dos telefonemas que chegaram à redação durante todo o dia — assim como por algumas inflamadas cartas de leitores — este papel está, no mínimo, comprometido por um conjunto de tropeços profissionais que se verificaram desde o primeiro instante, quando dois ou três comentaristas políticos, pela televisão, chegaram a informar que, com o impedimento do Presidente eleito, a Constituição era clara em determinar que Ulysses, e não Sarney, fosse empossado em seu lugar.

As queixas dos leitores, porém, não param por aí. Vão desde esses equívocos de interpretação de lei, cometidos pelos comentaristas políticos, a toda sorte de grandes e pequenos pecados vindos em seguida: sensacionalismo, contradições, otimismo exagerado de uns, pessimismo de outros, acobertamento da verdade, aceitação passiva dos relatórios médicos como definitivos (“Como é que vocês aceitaram aquela história de diverticulite?”). Leitores que acham não terem os jornais, as rádios e as televisões tratado adequadamente da doença e agonia do mais importante Presidente da história da República. E não apenas leitores. Francisco Antônio Dória, professor de Comunicação da Universidade Federal, indaga:

— Por que não se percebeu e não se esmiuçou antecipadamente tudo o que aconteceu. Ensino a meus alunos que o jornalista deve ter a capacidade de antecipar os fatos, percebendo nos sintomas sociais o que pode acontecer num futuro próximo. Esta é uma crise que deve ter revelado sintomas num passado recente. Tancredo é uma figura pública e muito

exposta. A TV Manchete sugeriu, num programa, que o problema vinha de meados de 84. Logo, houve uma cegueira total da imprensa e possivelmente dos políticos mais ligados ao Presidente.

Na verdade, houve até, por parte da imprensa, uma celebração à saúde de ferro de Tancredo, mostrado aqui e ali a percorrer, com fôlego invejável, o Brasil inteiro em sua campanha, ou então a saborear pratos apimentados bem a seu gosto. Conclui Dória:

— Esse homem adoece gravemente e cria-se o vácuo. Nos Estados Unidos, certamente tudo isso seria esmiuçado e descoberto antes da crise.

O público se queixa dos dois extremos: o otimismo, anunciando a posse em breve e o pessimismo que contrariava os boletins médicos e reacendiam as esperanças do povo. Mas as queixas são ainda mais duras para erros maiores: as rádios Eldorado e Jovem Pan, de São Paulo, noticiaram, anteontem, a morte do Presidente. Como já havia feito a Agência France Press, uma semana antes.

Para muitos leitores e telespectadores, há também uma falta de sensibilidade, um desrespeito aos sentimentos da família Neves e de todo o povo. Citam como exemplo o carro e as câmeras da TV Manchete plantados há dias no cemitério de São João Del Rey, à espera do enterro. Ou as alusões ao discurso que Sarney já tem pronto, elogiando o Presidente morto e convocando a Nação. Ou ainda o Boeing preparado para levantar voo com o corpo e o oficial de um cartório paulista de sobreaviso.

Como não podia deixar de ser, leitores e telespectadores acompanham emocionados os acontecimentos. A maioria dos telefonemas que chegam à Editoria de Política do JORNAL DO BRASIL contém queixas às notícias que tratam a morte do Presidente como um fato consumado. Uma grande parcela dos leitores reage a isso com indignação, como um farmacêutico de São João Del Rey à manchete do JORNAL DO BRASIL de ontem:

— Vocês estão matando o Presidente aos pouquinhos! Insensibilidade, também, na própria forma como os jornalistas brigam pelas notícias, dezenas de microfones cercando, agressivamente, pessoas da família que deixam desoladas o Instituto do Coração.

Há os leitores que insistem em que a imprensa não diz tudo o que sabe. Por omissão ou cumplicidade. O que terá realmente acontecido com o Presidente? Da apendicite à diverticulite e desta ao tumor benigno, na rota enfim das contradições, alguns poucos ainda acreditam em fantasias. Por exemplo, o atentado que teria sofrido o Presidente na véspera da posse. A falta de credibilidade gera o absurdo: “Se a imprensa dissesse sempre a verdade — observa o leitor — não se pensaria nisso”.

Falta de credibilidade que, afinal, não é nova. Em seu número de 11 de abril do ano passado, a revista *Veja* publicava uma pesquisa encomendada ao Instituto Gallup sobre a credibilidade que a imprensa brasileira merece — ou não — de seus leitores ou telespectadores. Os resultados foram reveladores. De treze instituições cujo nível de confiabilidade foi testado junto aos entrevistados, apenas seis chegaram a números positivos (correios, professores, Igreja, médicos, bancos e sindicatos). Em maior ou menor número, o brasileiro confia nelas. Uma sétima instituição, a justiça, ficou com um nível de confiança zero. As outras seis instituições, mostrou a pesquisa, não são confiáveis, a começar pela imprensa que obteve um índice de treze abaixo de zero (as outras são os empresários, a televisão, o Governo Federal, a propaganda e os deputados e senadores, estes os menos confiáveis de todos).

Apenas 11 por cento dos entrevistados responderam que se pode confiar sempre na imprensa, 29 confiam na maior parte, 40 em muito pouco e 13 não confiam nunca. As justificativas dos que não confiam (ou confiam pouco) falam de inexistência, pequenas alterações da verdade, grandes deturpações. A imprensa — disseram 57 por cento dos entrevistados — defende interesses econômicos, políticos ou idéias de pessoas, grupos e organizações, em vez de simples-

mente informar a população sobre o que acontece. E mais: tem seus perseguidos e seus protegidos. Entre os últimos, os políticos do Governo. Entre os primeiros, os políticos da oposição e os criminosos (um dado que a pesquisa não destacou: as instituições tidas como confiáveis, como é o caso da igreja, são justamente aquelas que os entrevistados dizem merecer da imprensa o tratamento certo). A que resultado chegaria a mesma pesquisa se fosse agora?

Mas, em questão de falta de credibilidade, a imprensa brasileira não está sozinha. E, para citar o mesmo exemplo americano do professor Dória, pode-se dizer que chega mesmo a estar em boa companhia: também o leitor dos Estados Unidos não confia em seus jornais. A revista *Time* de 9 de maio de 1983, a propósito da publicação pela revista alemã *Stern* do diário de Hitler (segundo muitos, um documento falso), entrevistou Donald D. Jones, um dos jornalistas responsáveis pelo controle de qualidade do *Star* e do *Time*, ambos de Kansas City. Segundo ele, 90 por cento dos telefonemas recebidos pelas duas redações (cerca de 20 por dia cada uma) são de protestos dos leitores. Jones foi categórico:

— Eles não confiam em nós, jornais, rádios, televisões, revistas. Eles não confiam em nenhum de nós.

Jones apontava oito pontos que, em sua opinião, levavam os leitores a tal atitude: notícias contendo imprecisões, uma certa arrogância por parte dos jornalistas, tratamento injusto às pessoas e instituições focalizadas em suas histórias, desrespeito à privacidade, descaso para com as notícias locais, insensibilidade para com as questões raciais e religiosas, enaltecimento de personagens criminosos ou mesmo bizarras, má qualidade de texto e edição.

O leitor brasileiro — insatisfeito com sua imprensa durante estes 35 dias de comoção nacional — não se prende a tantos detalhes. Mas bate, pelo menos, na tecla da insensibilidade: há muito de religiosidade na forma com que ele vem acompanhando a doença do Presidente. A cada novo relatório otimista (ou menos pessimista), renova sua esperança. E espera que os jornais sejam sensíveis a ela.

Desconfiança e críticas de quem lê os jornais

■ Uma catástrofe. Pior do que a atuação da imprensa só mesmo a dos médicos. Hoje, por exemplo, li o JB, o Globo, a Tribuna e o Estadão. Quantas contradições. Por isso não acredito mais no que leio. Acho que tantas “mancadas” se devem ao receio que os órgãos de comunicação têm de dizer a verdade. Mais lamentável porém foi a declaração do Pinotti. Cheguei a procurar meu irmão que é médico para saber se é possível eu ir ao Conselho de Medicina pedir uma punição para ele que, no meu ponto de vista, violou totalmente a ética médica (Alex Cristus, 40 anos, advogado).

■ Dentro da perplexidade dessa sociedade diante de um tempo novo de liberdade o que a gente vê através da imprensa são muitas contradições. Na verdade estamos viciados em não acreditar nas coisas porque a ditadura sempre mentiu e omitiu. E esse hábito também está impregnado na imprensa. Que está optando mais pelo sensacionalismo do que pela informação. Ela ainda não se conscientizou da importância social da verdade e da informação precisa. Sua atuação foi realmente deplorável. Abusou da sensibilidade de nosso povo informando de minuto a minuto como se não tivéssemos também o direito de tranquilidade. Gostaria de mandar uma mensagem, principalmente ao JB do qual sou assinante: que

os jornais assumam a posição nobre de influenciar a sociedade através da informação correta. Um compromisso social mesmo que seja dentro da ótica de seus compromissos partidários. Com relação ao Pinotti acho que tudo não passou de um arranjo. Ele tentou racionalizar as contradições de seus pronunciamentos iniciais sobre os colegas. Lamentável mesmo que isso tudo esteja acontecendo (José Leone de Araújo, 60 anos, inspetor do Banco Central).

■ Outro dia ouvi na Rádío Globo que a imprensa está mentindo. Mas acho que não. Se as informações estão incorretas penso que isso não é um ato pensado. Mas que ela pode estar sendo enganada, pode. Acredito na sinceridade da maioria dos jornalistas num tempo de liberdades novas (Luís Gabriel Ferreira Lopes, 23 anos, auxiliar de escritório).

■ Acho normal esse ti-ti-ti quando se trata de uma pessoa que gera uma concentração incrível em torno do seu nome. A meu ver a imprensa está sendo bastante profissional. Profissionalismo faltou mesmo aos médicos e aos pronunciamentos oficiais que vivem dando informações muito técnicas (Homero Cassiano, 26 anos, bancário).

■ A imprensa tinha obrigação de conseguir alguma informação mais concreta. Aquele assessor fica lá falando em termos médicos e a televisão fazendo infinitas retrospectivas. É natural que a imprensa use um pouco de sensacionalismo para atingir a população. Esse é um dos traços dessa profissão, por si só sensacionalista (Marcelo Camargo, 25 anos, engenheiro mecânico).

■ Os repórteres não estão falando toda a verdade. Talvez até saibam mas estão escondendo. Eu já estou desconfiado até que o Presidente esteja morto há algum tempo (Wanda Pereira, 36 anos, dona-de-casa).

■ Acho que existe sensacionalismo, mas em função do tratamento que está sendo dado ao acontecimento. Não acredito que a imprensa esteja criando uma história. Acredito

que a história é assim. E nesse sentido veja necessidade de maior discreção. Não há necessidade de tantos boletins. Eles estão gerando um clima muito tenso e de especulação em torno do episódio. Acredito no que leio, mas com reservas, dou minha filtrada. Com relação ao Pinotti, senti um estrelismo; uma tentativa de colocar a medicina acima do que ela é. E fatalmente vai vir à tona uma nova discussão: o exercício médico no Brasil (Ivanirce Gomes Dietiker, 27 anos, historiadora).

■ Existe uma massificação muito grande sobre o acontecimento. E claro que todos nós estamos interessados em saber como vai o Presidente mas está demais. A gente pega os jornais e de 20 páginas 19 são sobre o fato e suas consequências. Está todo mundo ávido por causa de uma situação de ansiedade criada pela própria imprensa. Ela é a única responsável por esse clima tenso. Não há necessidade em ficar entrevistando o tetrateto do Presidente, o cunhado do irmão, o homem que consentou o cano do andar onde Tancredo está internado. Há muito exagero nisso tudo (Jorge E. de Castilho Barbosa, 31 anos, engenheiro).

■ Tem imprensa e imprensa... Uma parte dela está agindo com a maior honestidade possível. Mas na verdade o noticiário vem sendo um pouco contraditório. Mas dá para a gente tirar nossas próprias conclusões. Com relação ao Pinotti acho que seu pronunciamento veio a calhar. Afinal só ele e sua equipe podem saber o que está acontecendo de verdade. O paciente de um CTI é imprevisível, a gente tem que avaliar a cada momento (Maria Alves, 47 anos, pediatra).

■ A cobertura dos jornais tem sido bem melhor do que os ditos informes oficiais e a televisão. Acredito no que leio apesar de achar que a imprensa está sendo um pouco sensacionalista. Mas não nego o esforço que ela vem fazendo de dar informações corretas. (Alberto Correia, 28 anos, engenheiro).

■ A imprensa está deixando o povo muito nervoso por causa do sensacionalismo. Todos os dias sai que Tancredo está a

beira da morte e ele não morre nunca. E para que esse excessivo noticiário? Para nós que não somos médicos não interessa saber quanto está a pressão do presidente, a oxigenação dos pulmões. A gente não entende nada disso. Bastariam dois boletins por dia. Não há necessidade de um a cada suspiro nem essas infundáveis entrevistas com pessoas que não têm nada para dizer como acontece diariamente na televisão (Ana Lúcia Lima, 23 anos, secretária).

■ É claro que está havendo sensacionalismo. Sendo assim é impossível a gente acreditar em tudo que lê. Acredito mais ou menos. Lamentável que numa época em que a liberdade é a proposta maior muita coisa esteja sendo escondida do povo. Ainda há um certo mistério em torno da coisa. Com relação à imprensa só posso dizer uma coisa: ainda prefiro esse exagero ao fechamento (Ronaldo Rondelli, 41 anos, arquiteto).

■ Essa ansiedade a que o povo foi submetido pelo excesso de noticiário só veio mostrar como o povo está se sentindo derrotado. Não vejo a imprensa como tendo responsabilidade nisso. Há sim muita ansiedade no ar porque agora não sabemos mais como será o futuro. A imprensa deve continuar informando mesmo que existam erros. Seria pedir demais a alguém que não errasse nunca. Não teria nada a ver com a Nova República (José Itamar Fontes, 32 anos, estudante de sociologia).

● Acho que a imprensa está aumentando muito as coisas, parece que estão fazendo zombaria com coisa muito séria. Eu não acredito mais no que os médicos falam. Ontem mesmo (quinta-feira) a Dona Risoleta telefonou ao Padre Antonio Lopes, que é vigário de São Sebastião da Vitória (distrito de São João Del Rey) para dizer que a missa que ele havia rezado para a família surtiu efeito e que o Dr. Tancredo estava melhorando. E depois vem o pessoal dizer que ele está morrendo. Eu devo é acreditar na Dona Risoleta. (Henrique de Paula Vieira, 58 anos, apresentador de programas sertanejos da rádio São João Del Rey, de propriedade do Presidente Tancredo Neves).